

Sri Aurobindo

The Renaissance in Índia

(Indian Literature – 3)

Existem 4 eventos na história,
o cerco de Troia,
a vida e a crucificação de Cristo,
o exílio de Krishna em Brindavan
e o colóquio com Arjuna no campo de Kurukshetra.

O cerco de Troia criou Hellas*,
o exílio em Brindavan criou a religião devocional
(pois antes havia apenas meditação e culto),
Cristo de sua cruz humanizou a Europa,
o colóquio em Kurukshetra ainda liberará a humanidade.
Contudo se diz que nenhum desses 4 eventos aconteceu.

* *Antigo nome da Grécia (Sri Aurobindo, Thoughts and Aphorisms – jñana)*

O Mahabharata, em particular, é não apenas a história dos Bhāratas, a epopeia de um evento muito antigo que se tornou uma tradição nacional, mas, em uma vasta escala, é a epopeia da alma da Índia, de sua mente ética e religiosa, de seus ideais sociais e políticos, de sua cultura e de sua vida.

É dito popularmente, e com certa medida de verdade, que tudo que existe na Índia está no Mahabharata.

O Mahabharata é a criação e a expressão não de uma mente individual isolada, mas da mente de uma nação;

é o poema que todo um povo escreveu sobre si mesmo. [...].

(Nesse poema),
o canto do real é constantemente realçado pelas tonalidades do ideal,
e a vida deste mundo, descrita com amplidão,
é, no entanto, submissa à influência e presença conscientes
de poderes vindos de mundos por trás do nosso [...].

Como em toda narrativa épica,
o desenvolvimento da história constitui o interesse principal do poema;

o movimento é, ao mesmo tempo, amplo e preciso,
o conjunto vasto e audacioso,
os detalhes impressionantes e efetivos.

O motivo condutor é a ideia indiana do Dharma.

O conceito védico da luta das divindades da verdade,
da luz e da unidade contra os poderes da obscuridade,
da divisão e da falsidade,
aqui passa do plano espiritual, religioso e interior
ao plano exterior, intelectual, ético e vital.

Na história, assim como é apresentada,
essa luta toma a forma dupla de
uma luta pessoal e de uma luta política:

a pessoal

é um conflito entre personalidades típicas e representativas
que encarnam os ideais éticos mais elevados do Darma indiano,
e as outras,
que encarnam o egoísmo e a arrogância asúricos
e o mau uso do Darma;

a luta política representa a batalha
em que o conflito pessoal encontra seu ponto culminante,
um enfrentamento entre nações
que se conclui pela criação de uma nova ordem,
de integridade e de justiça,
um reino ou, antes, o império do Darma,
unificando os povos em guerra
e substituindo a arrogância ambiciosa dos reis
e dos clãs da aristocracia
pela supremacia, a calma e a paz
de um império mais justo e mais humano.

É a antiga luta entre o Deva e o Asura, o Deus e o Titã,
mas representada nos termos da vida humana.

Sri Aurobindo – The Renaissance in Índia (Indian Literature – 3)

Sri Aurobindo

Ensaaios Sobre a Gita

A peculiaridade da Gita entre os grandes livros religiosos do mundo é que ela não é uma obra à parte, como um trabalho em si, fruto da vida espiritual de uma personalidade criadora como o Cristo, Maomé ou Buda, ou de uma época de pura busca espiritual, como o Veda ou o Upanishad, mas ela é apresentada como um episódio em uma história épica de nações e suas guerras e de seres humanos e seus feitos, e nasce de um momento crítico na alma de um de seus personagens principais ao fazer face à ação suprema de sua vida, um trabalho terrível, violento e sanguinário, no momento onde ele deve recuar por completo ou continuar até a conclusão inexorável.

[...]

O ensinamento da Gita,
então,
deve ser visto não apenas à luz de uma filosofia espiritual
ou de uma doutrina ética gerais,
mas em relação a uma crise prática
na aplicação da ética e da espiritualidade
na vida humana.

[...]

[...]

Existem de fato três coisas na Gita que são significantes espiritualmente, quase simbólicas, típicas das relações e dos problemas mais profundos da vida espiritual e da existência humana em suas raízes;

elas são: a personalidade divina do Instrutor, suas relações características com seu discípulo e a ocasião de seu ensinamento.

O instrutor é Deus Ele-mesmo, que desceu na humanidade;

o discípulo é, para usar a linguagem moderna, o indivíduo mais representativo do seu tempo, o amigo mais próximo do Avatar e o instrumento escolhido por ele,

seu protagonista em uma obra e um combate imensos,
cujo propósito secreto, ignorado pelos atores que participam,
é conhecido apenas pelo Deus encarnado,
que guia tudo isso
por trás do véu de sua mente de conhecimento insondável;
a ocasião é a crise violenta desta obra e desta luta,
no momento em que a angústia,
a dificuldade moral
e a violência cega de seus movimentos aparentes se impõem,
com o choque de uma revelação visível,
na mente de seu ser humano representativo,
e levanta a questão inteira do significado de Deus no mundo
e o objetivo,
o rumo
e o sentido da vida e conduta humanas.
[...]

O argumento da Gita evolve em três grandes etapas, pelas quais a ação se eleva do plano humano ao plano divino e abandona a servidão à lei inferior pela liberdade da lei superior.

Primeiro,
é preciso que, pela renúncia ao desejo
e uma equanimidade perfeita,
o indivíduo,
enquanto acredita ser autor das obras,
cumpra as ações como um sacrifício,
um sacrifício a uma divindade que é o supremo e único Self,
embora ele não o tenha realizado ainda em seu próprio ser.

Essa é uma etapa inicial.

Em seguida,
deve-se renunciar não apenas ao desejo pelo fruto,
mas à pretensão de ser o autor da ação
e reconhecer o Self como o princípio sempre igual,
inativo, imutável,
e todas as obras como apenas operações da Força universal,
da alma da Natureza,
Prakriti,
o poder instável, ativo, mutável.

Por último,
o Self supremo deve ser visto
como o Purusha supremo que governa sua Prakriti,
de quem a alma na Natureza é uma manifestação parcial,
e por quem todos os trabalhos são guiados,
em uma perfeita transcendência, mediante a Natureza.

A Ele

o amor, a adoração e o sacrifício das obras
devem ser oferecidos;

o ser inteiro deve abandonar-se a Ele
e a consciência inteira ser elevada
para viver nessa consciência divina,
de maneira que a alma humana
possa participar à Sua divina transcendência,
mais além da Natureza e de suas obras,
e agir em uma perfeita liberdade espiritual.

[...]

Há algo que faz o coração do mundo encher-se de júbilo
e sentir prazer no nome e na proximidade do Divino.

É o sentido profundo daquilo que nos faz ver
a face da Mãe na face escura de Kali,
e perceber, mesmo em meio à destruição,
os braços protetores do Amigo das criaturas,
em meio ao mal
a presença de uma Benignidade pura e inalterável
e, em meio à morte,
o Mestre da Imortalidade.

Destruídos, vencidos, subjugados,
os ferozes e gigantescos poderes da obscuridade,
os rakshasas,
fogem do terror que representa o Rei da ação divina.

Mas os siddhas, mas os seres completos e perfeitos
que conhecem e cantam os nomes do Imortal
e vivem na verdade de Seu ser,
inclinam-se diante de cada forma d'Ele
e sabem de quem cada forma é o santuário
e o que essa forma significa.

Não há nada que necessite ter medo,
exceto aquilo que deve ser destruído
– o mal, a ignorância,
os seres que estendem os véus da Noite,
os poderes rakshásicos.

Todo o movimento e toda a ação de Rudra*, o Terrível,
são em direção à perfeição, à luz e à plenitude divinas.

* O Terrível, o Deus de poder e de fúria, um membro da Trindade divina, que expressa o processo de destruição no cosmos.

Sri Aurobindo

A VIDA DIVINA

CAPITULO XIV

Falsidade, Erro, Injustiça e Mal
– sua Origem e seu Remédio

O Senhor não aceita o pecado e a virtude de ninguém; porque o conhecimento está velado pela Ignorância, os homens mortais são iludidos.

Gita, V. 15.

Eles vivem conforme uma ideia do self que difere da realidade, iludidos, apegados, expressando uma falsidade – como se, por um encantamento, eles vissem o falso como verdadeiro.

Maitri Upanishad. VII. 10.

Eles vivem e se movem na Ignorância e giram em círculos, maltratados e tropeçantes, como homens cegos conduzidos por um que é cego.

Mundaka Upanishad. I. 2.8.

Aquele cuja inteligência atingiu a Unidade rejeita de si os dois, o pecado e a virtude

Gita. II. 10.

Aquele que encontrou a beatitude do Eterno não é mais afligido pelo pensamento: “Por que não fiz o bem? Por que fiz o mal?”Aquele que conhece o self se desembaraça dessas duas coisas.

Taittiriya Upanishad. II. 9.

Estes são aqueles que são conscientes da excessiva falsidade do mundo; eles crescem na casa da Verdade, eles são os filhos fortes e invencíveis do Infinito.

Rig Veda. VII. 60. 5.

A verdade é a primeira e a mais alta; no meio está a falsidade, mas ela está presa entre a verdade dos dois lados, e extrai seu ser da verdade¹.

Brihadaranyaka Upanishad. V. 5. 1.

1 – A verdade da realidade física e a verdade da realidade espiritual e supraconsciente. Nas realidades subjetivas e mentais intermediárias a falsidade pode entrar, mas ela capta, seja a verdade do alto, seja a verdade do baixo, como substância para construir-se, e ambas fazem pressão sobre ela para que mude suas construções falsas em verdades da vida e do espírito.